

O ABRIR DAS ASAS: a dança na estimulação da expressividade e comunicação em criança
com autismo

THE SPREADING OF WINGS: dance as stimulation of expressiveness and communication in
children with autism

Kauanne Borges Martins

kauannearte@gmail.com

Universidade Federal de Viçosa – UFV

Evanize Kelli Siviero Romarco

eva_siviero@ufv.br

Universidade Federal de Viçosa - UFV

Resumo

Este estudo teve como objetivo contextualizar uma proposta artística para uma criança com transtorno do espectro autista e verificar sua relevância para o processo expressivo e de comunicação. Para tanto foi feita uma revisão de literatura com os temas: dança, autismo, expressividade, comunicação e afetividade, apoiada em autores como DEWEY (2010), FERNANDES (2015), GARDNER (1995) e SIVIERO (2018). Foi uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva, onde foi feito um estudo de caso com uma criança de 6 anos de idade, do sexo feminino, diagnosticada com transtorno do espectro autista. Foi realizado um encontro semanal onde as práticas foram através de linguagens artísticas, principalmente a dança. A metodologia escolhida se mostrou potente ao verificar o desenvolvimento expressivo e de comunicação corporal da participante, bem como mudanças afetivas significativas em suas relações familiares.

Palavras-chave: Dança, TEA, Expressividade, Comunicação, Afetividade.

Abstract

This study had an artistic proposal for a child with autism spectrum disorder as a method to verify the relevance of arts for the expressive and communication process. With this purpose, a literature review was carried out with the themes: dance, autism, expressiveness, communication and affectivity, supported by authors such as DEWEY (2010), FERNANDES (2015), GARDNER (1995) and SIVIERO (2018). It was an exploratory and descriptive research, where a case study was carried out with a 6-year-old female child diagnosed with autism spectrum disorder. By weekly meeting, the practices were through artistic languages, mainly dance. Ultimately, the chosen methodology proved to be powerful in verifying the participant's expressive development and body communication, as well as significant emotional changes in her family relationships.

Keyword: Dance, ASD, Expressiveness, Communication, Affectivity.

INTRODUÇÃO

O interesse pela temática deste estudo surgiu a partir da minha experiência como estagiária em uma escola de educação básica da rede privada, na cidade de Viçosa (Minas Gerais). O estágio obrigatório, requisito para o título de licenciada em Dança, se deu no segmento da educação infantil, onde tive a oportunidade de conhecer uma criança com transtorno do espectro autista, que despertou em mim o interesse pelo aprofundamento na área da dança e educação especial. A essa criança dei o codinome “Borboleta”, pois nossa aproximação passou por um processo, quando ela girava com os braços abertos, eu via asas que buscavam alçar grandes voos.

Na metamorfose, o processo de desenvolvimento da lagarta para a borboleta passa pela etapa de casulo como uma fase interna e intensa de transformação. Apesar de aparentar quietude para quem observa, revela um constante movimento que faz a lagarta atingir sua plenitude e voar como borboleta. Esta metáfora é aplicada à aprendizagem em dança, visualizando-a como um casulo de desenvolvimento, onde a pessoa com autismo pode descobrir seus movimentos e expressividade, capacitando-a a comunicar-se e espalhar sua individualidade.

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5, produzido pela Associação Americana de Psiquiatria, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno de neurodesenvolvimento ¹ que afeta a comunicação e interação social e que é marcado pela repetição de padrões de comportamento, interesse e ou atividade, de modo que a gravidade pode variar em três níveis de suporte. Com base em informações da Organização Mundial da Saúde (OMS), os diagnósticos de TEA têm sido crescentes nos últimos 50 anos, sendo que uma em cada 100 crianças é autista. Para este estudo foi escolhido trabalhar com as terminologias TEA ou autismo².

Entendo que é de suma importância desenvolver pesquisas que busquem relacionar todas as áreas do conhecimento com o diagnóstico em pauta. Sendo assim, acredito que a dança, ao lidar com o corpo e possuir um caráter comunicativo, apresenta grande potencial no que diz respeito à

¹ O desenvolvimento do sistema nervoso.

² World Health Organization. Autismo: Fatos importantes. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>. Acesso em 22 out. 2023.

estimulação da expressividade e comunicação de pessoas com autismo. Desse modo, desenvolvi um estudo de caso para investigar como um processo criativo em dança poderia estimular a expressividade e comunicação em uma criança com autismo. Foram realizados encontros semanais com a participante a fim de desenvolver práticas em dança que pudessem incentivar sua expressividade corporal e verificado se houve mudança na comunicação afetiva para com os familiares da mesma.

Considerando que o referencial teórico acerca da relação dança e autismo é escasso, entendo que essa pesquisa se mostrou importante para os profissionais da arte e de outras áreas do conhecimento, pois apresentou a possibilidade de se realizar um estudo de caso, no qual estive em contato frequente com uma criança com TEA através da dança. Busquei relacionar produções sobre os temas dança, arte-educação e autismo, realizadas por graduandos, profissionais da dança, mestres e doutores, disponibilizadas através de sites científicos e da Biblioteca da UFV, sem restrições de ano e idioma. Ademais, esse estudo propôs um diálogo corporal bilateral onde afetar a participante e ser afetada por ela através da dança foi um desejo latente, com intuito de experimentar junto a ela artifícios para manifestar suas emoções, sensações e desejos.

A dança e o autismo: diálogos com o espaço pessoal e suas relações interpessoais

Pensar a dança junto a uma criança com autismo é uma busca por romper a barreira de quena existência da pessoa com autismo se cria uma bolha impermeável. De acordo com Fernandes (2015) é importante entender que:

Cada introspecção abre portas a espaços diferentes. As linhas das palmas das mãos, uma corrente que gira, o movimento que se faz com um cadarço, os olhos voltados para dentro, um som constante... cada pequeno detalhe oferece uma viagem à pessoa dita autista e uma paisagem singular a quem tenta entrar em relação com ela, penetrando em sua “bolha”, compartilhando seu espaço íntimo. (FERNANDES, 2015, p. 75)

Também é possível pensar que todos nós, pessoas com e sem TEA, vivemos dentro de uma bolha com diferentes formatos e tamanhos. Entendo a imagem da bolha como um invólucro flexível, que se move conforme as condições dentro de si e ao seu redor e, ao imaginar que cada ser humano possui dentro de sua bolha o aspecto dialógico, que pode expandi-la, quando se deseja estabelecer interações com o outro ou diminuí-la, quando não se mostra disposto a criar vínculos comunicativos, cria-se, também, a imagem de um espaço de interseção das bolhas comunicativas

onde as relações interpessoais acontecem.

Nesse caso, essa bolha com aspecto dialógico, na pessoa com autismo pode apresentar contornos que não se expandem ou que podem apresentar um limite para tal, o que pode dificultar o encontro com outras bolhas no campo relacional.

A partir desse entendimento, pensar essa bolha pode ser uma forma de trabalhar com uma comunicação poética com as pessoas com autismo onde, à medida em que o corpo se dilata e retraem seus movimentos, se exercita a possibilidade de se comunicar através dele. Nessa perspectiva, compartilho do pensamento de Siviero (2018) ao indicar que cada sujeito deve ter autonomia e responsabilidade sobre suas ações, e que essa prerrogativa para este estudo favorece uma relação de coletividade e não de assistencialismo e permite que cada um coloque o modo como deseja ser afetado e afetar o outro através do movimento.

Ademais, Fexeus (2013 apud SIVIERO, 2018), indica que uma compreensão empática das escolhas comunicativas é possível através do rompimento das barreiras corporais que, conseqüentemente, abre caminhos para entender efetivamente o que o corpo emissor deseja falar. Logo, “[...] o observar, o perceber, o fazer, o sentir e o pensar em conjunto com a apreensão intuitiva e a imaginação de se relacionar com o outro são uns dos mecanismos que propulsionam o dançar” (SIVIERO, 2018, p. 176).

Em busca da conexão e diálogo através do corpo e do conhecimento de si e do outro, para que se efetive a comunicação, como supracitado, considero relevante o conceito de inteligência interpessoal, definido por Gardner (1995) na Teoria das Inteligências Múltiplas.

Uma das inteligências apontada por Gardner (1995, p. 15) é a interpessoal que “[...] a capacidade de compreender outras pessoas: o que as motiva, como elas trabalham, como trabalhar cooperativamente com elas”. Ademais, de acordo com Mallmann e Barreto (2012), essa inteligência traz como aspectos a percepção dos estados de ânimo, a possibilidade de fazer amigos, realizar atividades em grupo, mediar conflitos e se comunicar. Considerando as áreas afetadas pelo TEA, a estimulação da inteligência interpessoal é necessária para que se possa obter benefícios no que diz respeito à comunicação e interação social da pessoa com autismo.

Sendo assim, o próximo capítulo traz considerações acerca das relações na dança a partir

da afetividade e do processo de comunicação expressiva que se buscou alcançar através do estudo.

A expressividade e comunicação pela dança e a criança com autismo

A posição de se mostrar engajada e demonstrar à criança que há disponibilidade em realizar uma brincadeira, ou dançar junto, faz com que se estabeleça uma relação pautada na empatia e na construção de afetos e confiança. Nesse sentido Lima, diz que:

[...] os afetos, sejam emoções ou sentimentos, também têm uma função importante na motivação da conduta e para a aprendizagem. Para Piaget o afeto é uma importante energia para o desenvolvimento cognitivo. Todos nós temos experiência de nos dedicarmos com mais empenho aos assuntos de que gostamos e que nos são agradáveis. Outras vezes, pelos mais variados motivos, tomamos tamanha aversão a certas matérias, as quais se tornam impossíveis de aprender. São situações em que observamos como o afeto pode interferir na nossa capacidade racional de agir. (LIMA, 2013, apud, SILVA e KRISCHKE, 2014, p. 4)

Arelado a valorização dos afetos e das relações interpessoais, gostaria de destacar o Método “Son-rise” que foi desenvolvido por pais norte-americanos de uma criança com TEA da qual os médicos abriram mão do tratamento, tendo em vista que a criança possuía um Quociente de Inteligência (QI) abaixo de 30 (FRANÇA, 2019). Acerca do método:

A meta é criar novas formas de comunicação e interação, é realmente entrar no mundo do sujeito, e isso pode acontecer através de um movimento de igualar-se, realizando os mesmos gestos, movimentos e brincadeiras que ele faz, para que assim se possa criar um vínculo e o indivíduo venha a se sentir à vontade para interagir com as pessoas ao seu redor. (FRANÇA, 2019, p. 9)

Nesse sentido, a estratégia utilizada no estudo de caso para estimular o desenvolvimento da comunicação expressiva foi a dança e, por isso, considero demasiadamente importante delimitar os conceitos de expressividade e comunicação com os quais trabalhei, tendo em vista que foram fundamentais para a análise dos resultados obtidos.

Segundo Dewey (2010, p. 164) um ato é expressivo “[...] quando há nele um uníssono entre algo armazenado das experiências anteriores – algo generalizado, portanto – e as condições atuais”. Nesse ato, “há uma descarga da emoção, mas essa emoção não é descartada, é significada e moldada em algum material, em alguma expressão corporal” (PIAI, 2021, p. 83).

A autora Piai (2021, p. 85), aponta ainda que a arte se utiliza da “[...] expressão de

significados” e que, ao contrário da ciência que faz uso de afirmações, a arte maneja materiais obtidos com a experiência e as relações do ser como o meio em que se insere. Sendo assim,

É durante os momentos de interação mais plena com o ambiente que a criatura está mais viva, mais concentrada e mais composta. São nesses momentos em que a fusão entre o material sensorial e as relações acontecem de modo mais completo. A arte reconhece o eu no ambiente. Esse reconhecimento é a sua expressão. (PIAI, 2021, p.89)

Entendo, amparada por Lopes (1989, p. 24), que “[...] fazer arte exige um equilíbrio de nossas capacidades e potencialidades de comunicação que terão, no silêncio do espaço cênico, o desafio e a resposta mais concreta sobre o que é nossa massa corporal como instrumento de representação”. Desse modo, no espaço cênico, a efetivação da expressividade implica em ir além do gesto funcional em busca da interpretação da narrativa que se propõe apresentar, de maneira tal a ultrapassar os limites da literalidade e adentrar no campo poético da arte pois, “[...] para se tornar um veículo de expressão o material objetivo sofre modificações e transformações advindas das emoções e das ideias, e provoca transformações nelas” (PIAI, 2021, p. 84).

No que se refere à comunicação, considero para esse estudo dois de seus aspectos: o verbal e o não-verbal. O primeiro diz respeito ao uso da palavra para transmissão de mensagens, emoções e desejos e o segundo é marcado por elementos como a “[...] expressão facial, os gestos, a postura, a posição das pernas, tronco, cabeça” (BRANDÃO, 1979, p. 11) implicados em gerar uma interação com o meio, sem fazer uso dos símbolos verbais.

No contexto do TEA, uma característica que se estabelece é a compreensão literal de elementos da comunicação pois, como aponta Ferreira (2023), o raciocínio da pessoa autista se dá de forma mais linear, de modo que metáforas e outras figuras de linguagem apresentam certa dificuldade em se compreender. Essa característica é exemplificada por Maurício de Souza, na tirinha apresentada na Revista Autismo (2019, p. 7) (Figura 1), através do personagem André, uma criança com TEA que integra a Turma da Mônica.



Figura 1: Tirinha sobre literalidade. Fonte: Revista Autismo, 2019

Assim sendo, o uso de materiais de apoio pode facilitar a compreensão da narrativa a ser interpretada durante o processo criativo, de modo que seja palpável e visível, ao menos inicialmente, o entendimento do que se deseja comunicar, principalmente em se tratando do contexto a ser traduzido e representado com o corpo. Um dos materiais que pode valer para essa compreensão, são os livros que possuem recursos sensoriais para a apreensão da informação. Segundo Ochoa (2015), materiais didáticos com essas características são positivos para a aprendizagem, tanto de crianças típicas³ quanto atípicas⁴.

Ainda segundo a autora, uma proposta multissensorial é benéfica pois, quando se amplia as possibilidades de percepção de um determinado assunto, cria-se um leque que abrange pessoas com e sem deficiência, permitindo que cada uma escolha o que funciona melhor para si. Tendo em vista as indicações, optei por fazer uso de um livro sensorial como ferramenta de trabalho neste estudo.

O Casulo – Caminhos Metodológicos

A pesquisa foi qualitativa a partir da qual se propôs a investigação de aspectos como “[...]”

³ Crianças que possuem desenvolvimento em consonância com o que é esperado pelos marcos do desenvolvimento.

⁴ Crianças que não possuem desenvolvimento de acordo com o que é esperado para a idade na qual se encontra.

ouniverso de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p. 21-22). A pesquisa foi feita por meio da observação participante que, de acordo com Mariani e Carvalho (2009) surge dentro de um contexto de questionamento do papel e das práticas, no que diz respeito às finalidades e os usos dos resultados das produções científicas”.

Esta pesquisa foi de natureza descritiva e exploratória, e foi realizado um estudo de caso (com projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa que foi aprovado com o número do protocolo CAAE 66468222.6.0000.5153) com apenas uma criança com autismo de 6 anos do sexo feminino que, como já mencionado, será indicada como “Borboleta”. No entanto, no primeiro dia houve a participação da irmã da Borboleta, criança de 4 anos de idade, que se mostrou um ponto interessante tendo em vista o tema dessa pesquisa e as possibilidades no que tange ao desenvolvimento da comunicação expressiva através da relação entre as duas. Sendo assim, foi feito o convite, para a responsável, de que a irmã também participasse dos encontros, mesmo que não fosse analisada dentro do estudo de caso.

Nesse sentido, desenvolvi uma proposta artística, através da dança, a fim de estimular o processo de comunicação expressiva da participante. Foi realizado um encontro semanal com duração de aproximadamente 40 minutos, no Departamento de Artes e Humanidades/UFV, sede do curso de Dança. Nesses encontros, as práticas foram através de linguagens artísticas, principalmente a dança. Ao todo, foram realizados 13 encontros, sendo o último deles uma apresentação do processo criativo desenvolvido. Houve a criação de um livro sensorial intitulado “Borboletas que dançam” que foi o mote para a construção dos encontros, de modo que foi estabelecida a relação de uma página do livro para cada encontro. Ademais, foram utilizados objetos sensoriais e cênicos que visavam estimular a expressividade da participante, bem como trabalhar suas habilidades de comunicação corporal e verbal.

Foram realizadas filmagens dos encontros, como registros para análise da evolução da participante durante o processo criativo. Deste modo, as imagens apenas puderam ser tornadas públicas por meio do Trabalho de Conclusão de Curso, de Simpósios e de artigos para publicação em periódicos. Para a coleta de dados foram utilizados nesta pesquisa dois roteiros, sendo um de

observação das práticas realizadas, preenchido pela pesquisadora ao término de cada encontro e um de entrevista com a responsável para traçar o perfil da participante. O questionário se dividiu em duas partes: uma direcionada às características e contextos da participante e outra à comunicação e expressividade. Ao término da pesquisa, a segunda parte da entrevista foi realizada novamente para verificar se houveram alterações comportamentais da participante.

O abrir das asas – Resultados obtidos

Com intuito de contextualizar a proposta artística em dança, durante o estudo de caso, foi elaborado um livro sensorial, de minha autoria, através do qual se deu a narrativa da história que guiou o processo criativo. O livro possuiu elementos sensoriais relacionados aos sentidos do tato e visão, que foram utilizados, também, como objetos cênicos durante os encontros.

Essa alternativa foi escolhida a partir da proposição de Ochoa (2015) de que livros sensoriais facilitam a apreensão de informações que, no contexto do estudo de caso, foram relacionadas aos elementos da história que se pretendia contar com o corpo. Foi verificado, através do apontamento da responsável pela Borboleta, que o livro despertou interesse na criança e que o momento da leitura em família, onde também houve a participação da irmã da Borboleta, foi um momento divertido e que elas haviam interagido com os elementos sensoriais do livro.

Desse modo se estabeleceu uma costura entre a história da metamorfose da borboleta e o processo criativo em dança. De acordo com os apontamentos de Dewey (2010) e Piai (2021) sobre o ato expressivo, o que se buscou neste estudo foi uma elaboração gradual da narrativa com o corpo para que se alcançasse, através da junção das experiências vividas ao longo do processo, o desenvolvimento e efetivação da expressividade.

Ao longo dos encontros, busquei a perspectiva apontada por Siviero (2018) de “dançar com” a Borboleta. Essa ação fez com que ela observasse os meus movimentos e como eu os experimentava com prazer e, dessa forma, se sentisse motivada a realizar a atividade junto comigo, de modo que “[...] pelo movimento e na dança, a comunicação se faz e refaz mecanismos que antes não eram entendidos ou sequer compartilhados entre os alunos e entre professor-alunado.” (SIVIERO, 2018, p. 183).

No que diz respeito ao uso dos objetos cênicos para estimular o processo expressivo e de comunicação, desde o primeiro encontro foi possível identificar mudanças significativas. No encontro 1, um tecido grande foi utilizado pela Borboleta de modo funcional ao colocá-lo para cobrir seu corpo como se usasse uma coberta. Todavia, através dessa ação, foi criada uma narrativa de que as borboletas estavam dormindo. Quando indicado que elas acordassem, a Borboleta levantava o tronco e, quando dito que dormissem, ela se deitava novamente.

Esse momento configura uma brincadeira de “faz de conta” que, segundo Lopes (1989), é uma das fases do desenvolvimento do Jogo Dramático Infantil que compreende a faixa etária de 6 a 8 anos, na qual se enquadra a participante e onde “no ‘brincar de teatro’, ou faz-de-conta, o atuante fará o personagem escolhido numa determinada situação que é criada” (LOPES, 1989, p. 74). Nesse estudo de caso, a estrutura coreográfica criada foi baseada na transformação da lagarta em borboleta e nas ações realizadas por elas, de modo que interpretamos tanto a lagarta quanto a borboleta.

Para a estimulação do gesto expressivo da borboleta, foram utilizados objetos como asas e fitas presas aos punhos para representação das cores/rastro que as borboletas espalhavam durante o voo. A partir desses objetos foi verificado que, em seis encontros, as fitas presas nos punhos geraram movimentações na Borboleta. O intuito de utilizar um acessório preso ao punho foi a busca por estimular a movimentação dos braços, tendo em vista que se objetivava interpretar um voo. No encontro 2, houve um fato muito importante que, mesmo quando a participante retirou os rastros dos punhos, prosseguiu realizando movimentos com os braços. Em outros encontros, por mais que as fitas não foram colocadas no punho, ela pegou-as e fez movimentos.

Também no encontro 2, houve um momento em que, devido à indisposição para se movimentar demonstrada pela Borboleta, prendi o rastro de fitas nas asas e fiz movimentos para que ela apenas observasse. Obtive a atenção da participante, tendo em vista que ela observou por um bom tempo essa ação. Ao longo de todo o processo, em vários momentos fiz a mesma junção dos objetos e, no encontro 12, onde houve o último ensaio e a gravação da videoarte “Borboletas que dançam”, a participante se deslocou amplamente pelo espaço, deu pulinhos e girou, tendo em suas mãos as asas com os rastros.

Nesse momento, foi perceptível o exercício de seu ato expressivo o qual compreendo como o corpo implicado na missão de representar algo, de acordo com Lopes (1989), através da junção

da vivência do momento presente com as experiências anteriores, como aponta Dewey (2010). Nesse caso, a Borboleta representou o voo das borboletas, de modo que a expressão dessa narrativa com seu corpo foi fruto das experimentações realizadas com o objeto sensorial cênico, ao longo dos encontros, e dos estímulos dados corporalmente através da minha realização junto a ela e com a sua irmã.

O processo expressivo da Borboleta também foi verificado na relação com a lanterna e o varal de fitas. A lanterna, experimentada pela primeira vez no encontro 10, foi inserida por meio do contexto da música “Borboleta azul”, do grupo Pé de Sonho, que foi utilizada como trilha sonora para a apresentação. Na música, uma lagarta questiona a uma borboleta se o casulo é um lugar escuro e, tendo em vista a escolha de trabalhar com objetos para estimular a expressividade, considerei a utilização da lanterna promissora.

Inicialmente, o ambiente foi iluminado com luz reduzida, mas ao longo do encontro, explorei diferentes abordagens para a lanterna. A Borboleta, começou a iluminar a palma das mãos e os braços (Figura 1), destacando a expressividade desse gesto. Essa experimentação com a luz no corpo foi estendida (Figura 2), e nos encontros 12 (ensaio geral) e 13 (apresentação), a Borboleta continuou a iluminar seu corpo com lanternas, evidenciando uma ressignificação do objeto longe do uso convencional.





Figuras 2 e 3: Borboleta se iluminando, do lado direito de quem vê. Fonte: Arquivo pessoal

O varal de fitas, por sua vez, foi um objeto idealizado através da observação da filmagem do encontro 8, onde criei um circuito e nós passamos entre os rastros que estavam pendurados ao longo de um fio. Com base na possibilidade de utilizar a trajetória realizada nesse encontro para criar o desenho espacial da composição coreográfica, elaborei um varal com fitas maiores.

O ápice de sua interação com o objeto aconteceu no encontro 12, quando a Borboleta segurou as fitas e girou olhando para cima e sorrindo (figuras 4 e 5), onde houve uma descarga de emoção através da expressão corporal o que, de acordo com Piai (2021), caracteriza a expressividade artística. A autora traz ainda a concepção de que a arte se pauta na união dos materiais que surgem por meio das experiências com as relações que o indivíduo estabelece com o ambiente no qual está inserido. Isso se mostra na situação apresentada no encontro 12, tendo em vista que a Borboleta havia experimentado previamente a interação com aquele material e as relações promovidas através dele e se sentiu confortável para interagir plenamente com o ambiente através de suas movimentações.



Figuras 4 e 5: Voo no varal de fita. Fonte: Arquivo pessoal

Com base nas exposições sobre os encontros e nos apontamentos trazidos pelos responsáveis da Borboleta, foi possível verificar que o processo artístico realizado durante o estudo de caso, demonstrou resultados positivos, não exclusivamente acerca da expressividade e comunicação da participante, mas também no que diz respeito à interação com sua irmã. O registro da apresentação, no encontro 13, foi compartilhado pelo pai da Borboleta em uma de suas redes sociais, sob a narrativa de que ele nunca havia visto suas filhas interagindo como naquele momento, o que demonstra que essa relação se alterou ao longo do processo.

Na entrevista inicial, a mãe da Borboleta apontou que suas filhas não brincavam juntas, tendo em vista a dificuldade de organizar brincadeiras que contemplassem a Borboleta e a irmã. Após o primeiro dia do estudo de caso, a mãe trouxe o relato de que a irmã havia demonstrado tamanha felicidade em participar do encontro, pois havia realizado as mesmas atividades que a

Borboleta e que haviam brincado juntas. Já no encontro seguinte, houve um momento que a irmã pegou as mãos da Borboleta e elas giraram juntas. O espaço de desenvolvimento artístico permitiu que a interação e a comunicação entre irmãs acontecessem, demonstrando o pensamento de Fexeus (2013 apud SIVIERO, 2018) acerca do benefício em romper as barreiras corporais em direção à compreensão das escolhas comunicativas do outro.

Durante o mesmo encontro, a Borboleta se sentou de forma brusca sobre a barriga de sua irmã, gerando desconforto devido à diferença de tamanho. A Borboleta observou enquanto a irmã chorava, e foi necessária uma mediação para explicar que não foi intencional machucar. Após conversa, a Borboleta abraçou a irmã, que sorriu e compreendeu a situação.

Faço a leitura desse momento como um ato de afeto, sentimento que, conforme Lima (2013, apud, SILVA e KRISCHKE, 2014), tem um papel importante no processo de aprendizagem e na motivação de condutas, como um espaço de favorecimento para que a inteligência interpessoal se desenvolva. Confirmando o pensamento de Gardner (1995), nessa circunstância a Borboleta compreendeu, através da mediação feita por mim, o porquê a irmã estava chorando e buscou pelo abraço a reconexão para prosseguirem a atividade juntas.

A mediação com base na afetividade, o contexto da arte/educação e das práticas pedagógicas inclusivas em Dança, trazidos através do fazer artístico coletivo onde a metodologia criada favoreceu a participação ativa da Borboleta no processo de criação, foram de suma importância para o desenvolvimento de sua inteligência interpessoal e comunicação comigo e com sua irmã.

Considerações finais

Conforme o exposto, considero que a contextualização da proposta artística através da dança demonstrou grande relevância para o processo de expressão e comunicação da participante. Foi possível, através dos encontros e da observação constante, identificar seus repertórios de comunicação, seja verbal ou corporal, e trabalhar de modo a estimular seus atos expressivos e comunicativos, principalmente através do corpo.

O uso dos objetos sensoriais cênicos se mostrou fundamental durante o estudo, tendo em vista que, por meio deles, foi possível verificar o desenvolvimento de atos de expressividade artística da Borboleta, como nos momentos de interação com a lanterna, as asas e o varal de fitas, discutidos nesse trabalho. Foi possível verificar, uma mudança em sua relação diária com os objetos no

ambiente de sua casa, já que a Borboleta passou a interagir com os materiais deixados à sua volta, ato não identificado antes do estudo.

Ademais, foi verificado que a proposta artística, pautada na arte da dança e no uso da afetividade como um princípio indispensável, influenciou no desenvolvimento da expressividade artística da Borboleta a medida em que mudanças foram identificadas entre o início e o final do processo no que diz respeito à implicação de seu corpo para representar a narrativa da metamorfose da borboleta. Acerca da comunicação, foram verificadas mudanças, principalmente, na interação com sua irmã, já que a Borboleta deixou de realizar atos de comunicação impulsiva direcionados a ela e se mostrou mais receptiva à sua proximidade.

Entendo que o estudo contribuiu para que a Borboleta se desenvolvesse no campo artístico, tendo em vista que pude acompanhar algumas apresentações realizadas no âmbito escolar, durante o Estágio Supervisionado, e perceber que havia uma postura assistencialista para sua participação. Sobre outra perspectiva, no processo criativo realizado nesse estudo haviam sinais de movimento, onde cada uma de nós sabia o que era para ser feito e se exercia a liberdade e pluralidade de movimento, bem como o respeito aos tempos de realização.

Durante todo o estudo, busquei a sensibilidade e o olhar voltado mais para o processo, de modo que o movimento fosse ponte para o estabelecimento das relações interpessoais e da comunicação da Borboleta para com sua irmã e comigo e não uma busca pela forma e pela obra estética para ser apresentada. Compreendi que um processo bem trabalhado através da construção de intimidade com a narrativa criada, da experimentação dos objetos bem estabelecida e da relação de satisfação em vivenciar aquele momento com aquelas pessoas, favoreceria a Borboleta a chegar em uma demonstração de resultado onde ela fosse protagonista de sua dança e realmente gostasse do que estava fazendo, culminando na apresentação do produto final intitulada “Borboletas que dançam: o abrir das asas”.

Enfim, acredito que a Dança desempenha um papel significativo na vida das pessoas com TEA, especialmente no desenvolvimento da expressividade, comunicação, relações interpessoais e condutas afetivas, como evidenciado neste estudo. Destaco a relevância das disciplinas de Dança e Educação Especial na graduação em Dança da UFV e dos estágios supervisionados, que permitiram meu envolvimento com essas temáticas, promovendo um olhar crítico sobre o ensino da Dança e defendendo uma abordagem inclusiva na construção

de conhecimento.

Finalizo esse estudo com novas motivações e questionamentos. Como fortalecer essa metodologia e torná-la mais acessível a profissionais, pessoas com autismo e seus familiares? Comotransformar o livro sensorial criado em um material que possa estar disponível em escolas e outros ambientes de desenvolvimento da pessoa com TEA? São algumas das perguntas que circundam o casulo e que motivarão novos movimentos. Sinto que há muito a se fazer tendo em vista os resultados obtidos e as possibilidades que foram apresentadas através do estudo e da prática em dança realizada.

Referências

- BRANDÃO, S. M. **A conscientização da comunicação não-verbal na educação universitária**. 1979. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1979. 193 p. Disponível em <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/StartDo/handle/10438/8985>. Acesso em 15 set. 2023.
- DEWEY, J. *Arte como experiência*. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FERNANDES, A. V. **Dança e autismo: espaços de encontros**. 2015. 525 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em <https://theses.hal.science/tel-01300873/document>. Acesso em 10 set. 2023.
- FRANÇA, S. S. **A relação como caminho: The Son Rise Program no tratamento do autismo infantil**. 2019. 26 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2019. Disponível em <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/a1e5ebb4-ae62-4721-892693ec1b2f0638/content>. Acesso em 03. nov. 2022.
- FERREIRA, A. **Tea e literalidade**. Organização neurodiversa pelos direitos dos autistas, 2023. Disponível em <https://ondaautismos.com.br/blog/tea-literalidade>. Acesso em 15 set. 2023.
- GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 257 p.
- INSTITUTO MAURÍCIO DE SOUZA. **André em: ao pé da letra**. Revista Autismo, [S.l.], ano V, n. 5, p.7, 2019. Disponível em <https://www.canalautismo.com.br/revista/>. Acesso em 15 set. 2023.
- LOPES, J. *Pega teatro*. Campinas: Papyrus, 1989. 186 p.
- MALLMANN, M. de L. C.; BARRETO, S. de J. B. **A dança e seus efeitos no desenvolvimento das inteligências múltiplas da criança**. 2012. 12 p. Artigo (Especialização em Psicopedagogia) Instituto Catarinense de Pós-Graduação, 2012. Disponível em www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_01/singlefile.php?cid=33&lid=56 86. Acesso em 03 jul. 2023.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS [recurso eletrônico]: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MARIANI, F.; CARVALHO, A. de L. **Pesquisa participante: um recorte teórico acerca da abordagem de pesquisa e suas influências epistemológicas.** Revista Da Faculdade De Educação, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 169-181, 2009. Disponível em

<https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/3648>. Acesso em 02. nov. 2022.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisasocial.pdf> Acesso em 02 nov. 2022.

OCHOA, M. F. **Livros sensoriais e sinestésicos: experimentando a arte através dos cinco sentidos e a falta deles.** 2015. 96 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/134691>. Acesso em 20 set. 2023.

PIAI, M. A. L. **Da Impulsão à Expressividade: Uma Análise da Expressividade Artística a Partir da Filosofia Deweyana.** Revista Apotheke. Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 79-91, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.5965/24471267722021079>. Acesso em 20 set. 2023.

SILVA, E. de C.; ORLANDO, R. M. **A interface dança e autismo: o que nos revela a produção científica.** Revista Educação Especial, [S. l.], v. 32, p. 1–18, 2019. DOI: 10.5902/1984686X33121. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/33121>. Acesso em: 6 out.2023.

SILVA, L. F.; KRISCHKE, A. M. A. **Afetividade no ensino de dança: implicações e inspirações de um processo criativo e transformador.** XI Simpósio de Arte-educação - Dialogando com as tecnologias. Guarapuava, Paraná, 2014.

SIVIERO, E; FERREIRA, E. L. **Acessibilidade e formação em dança: reflexões sobre o corpo, alteridade e deficiência.** Repertório, Salvador, ano 21, n. 31, p. 165-189, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/26575>. Acesso em 05 out. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Autismo: Fatos importantes.** Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>. Acesso em 22 out. 2023.

Artigo submetido em 09/02/2024, e aceito em 17/04/2024.